



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

# Literatura



## Eça de Queirós

*Singularidades de uma rapariga loira*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)





# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

## Literatura



### Eça de Queirós

*Singularidades de uma rapariga loira*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

## EÇA DE QUEIRÓS

Há meses apenas num jornal de *lá-bas*, dessa clara e dormente Lisboa dos pregões, dos mármore, das varinas e do sol, eu escrevia, a fechar um artigo, estas linhas:

“A cerrada ignorância do nosso meio, a inveja que como os ventos da peste açoita desapiedadamente as grandes estaturas, preguiças e indiferenças moles do nosso temperamento de meridionais neoárabes, fazem com que, a nenhum dos grandes homens de Portugal, exceto não sei por que bendito acaso João de Deus, que, nesta década de agonia cerraram os olhos para a vida fosse dada a consoladora ventura de assistirem a um espontâneo movimento da opinião em seu favor, de apoteose festiva e grandiosa da sua obra, do seu gênio e do seu caráter. Morto para a jucunda luz que as pesadas cortinas das suas pálpebras não deixaram entrar a banhar o íris dos seus olhos magoados e taciturnos, espectro de si mesmo, gênio que a desgraça maior ainda tornou, não sei quantos anos Camilo errou trágico e desvairado pela vida sem que a clamorosa voz de todos nós dizendo-lhe quanto amávamos a sua obra levasse um relâmpago de alegria à noite sem astros daquela alma; para uma ilha dos Açores deixamos partir, a caminho do suicídio, esse Imenso e Santo Antero, um dos mais altos gênios e dos mais puros caracteres que a humanidade tem produzido, sem que lhe saíssem a embargar os passos as nossas rosas, as nossas palmas e os nossos beijos; e por último deixamos agonizar e morrer sem um murmúrio doce de ovação esse dramaturgo extraordinário, espécie de Shakespeare da nossa história, Oliveira Martins, o imortal autor da *Vida de Nun'Álvares*. Sirva-nos esta lição para o futuro de contrita

emenda para o nosso erro. Que nós, os moços, não esqueçamos a primeira oportunidade para promover a consagração a que têm direito quatro ou cinco grandes espíritos que, pelo seu gênio e pelo seu caráter, honram a terra portuguesa. Eça, o nosso grande e poderoso romancista, em primeiro lugar, dois ou três poetas e um crítico que pelo seu trabalho constante é um nobre exemplo à confiada e risonha indolência de todos nós, em seguida.”

Pouco tempo volvido sobre a publicação deste artigo, à notícia que por um comum amigo eu recebera da ida de Eça de Queirós a Portugal corri à casa do Antônio Nobre e Justino de Montalvão para combinar a apoteose a fazer-lhe. O genial romancista não saiu porém de Paris e agora, mal chego à tumultuosa capital do mundo, tonto ainda e meio deslumbrado, recebo a boa nova de que altos e nobres espíritos vão dedicar na bela *Revista Moderna* um número de consagração a Eça de Queirós. Bênçãos caiam sobre os que tiveram tão formosa ideia — e a realizaram.

Eça é a mais culminante eminência das letras portuguesas no nosso tempo e, como artista, o mais supremo, o maior dos cinco séculos de literatura nacional. Garrett, que foi um admirável artista também, é diminuto ao seu lado e não sei na verdade que haja a esta hora na Europa nenhum outro cinzelador da forma, tão inquieto e tão perfeito, tão requintado e tão ateniense, como poucos são também os escritores que o igualem e raros os que o excedam. Ele é um Antônio Vieira que à sonoridade e à força juntasse a sensibilidade e a delicadeza de Garrett e a ironia de Tacheray e de João Paulo Richter.

Comparados com os seus livros o que vale o diletantismo cerebral de Barrès, interessante e agudo de resto, o preciosismo fino e nervoso dos Goncourt, a análise infinitesimal de Bourget, examinando os corações das parisienses com uma lente de relojoeiro? A obra de Eça é como uma cidade de mármore, cheia de sol, perfumada de rosas e sob um céu eternamente calado e azul. Nas suas ruas agita-se, com movimento próprio e vida ordenada e calma, uma colmeia d'almas. E o bom Jorge do *Primo Basílio*, o Padre Amaro, a Amélia e a São Joaneiro do *Crime*, a doce Maria Eduarda



dos *Maias*, o Carlos, o portuguesíssimo Raposo da *Relíquia*, o frascário Teodoro, o mefistofélico João da Ega e a galeria suprema dos grotescos — o Conselheiro Acácio, o Visconde Reinaldo, Steinbroken, os Gouvarinhos, o Tomás de Alencar.

A ironia do autor desse maravilhoso *Mandarim* é, quanto a mim, a qualidade dominante do seu gênio e dela resulta aquele seu doce ceticismo, que longe de ser metálico e amargo como o do autor da *Thais*, trai ainda a ancestralidade portuguesa de Eça, a bondade da admirável raça de amorosos e de poetas donde brotamos.

Por ele Eça muitas vezes recorda-me o fino e agudo Renan.

Ao admirável criador d'almas, ao Fídias da prosa portuguesa que primeiro a desarticulou, lhe tirou a rigidez clássica e a tornou dúctil e sonora, capaz de se adaptar a todos os assuntos, vestir todas as ideias, exprimir todos os estados de consciência, grafar todas as sensações, fixar todas as cismas, falta porém e apenas uma coisa — crer.

Ah! acreditasse ele com devoção e a impossibilidade, tão filosófica e tão alta embora, de Flaubert não o tocara, nem o amargo pessimismo do genial espírito, que sonhava gravar nos símbolos eternos da *Tentação* e de *Pécuchet* toda a vida moderna o todos os mundos desaparecidos e idos o invadiria florindo dos venenos do tédio as páginas luminosas o, serenas da sua obra de latino, nascido nas baías doces do Atlântico, pertencendo ao claro país das uvas loiras e provindo da magnificente raça dos domadores das tempestades e dos ventos que outrora haviam defrontado o Adamastor e conquistado as Índias. Tivesse ele fé; pusesse ele hipnotizado como um bardo seus grandes olhos escuros na Estrela da Manhã, que ascendendo das grutas da noite vem já anunciando Aleluias e Redenções, os paraísos d'Amanhã; acendesse a Esperança, à sua volta iluminações e relâmpagos proféticos e a sua obra teria uma amplidão e ressonância sem igual, banhar-nos-ia numa emoção mais fecundadora e larga e a alma verdadeiramente

poética e boa que nela bate, sentir-se-ia voluptuariamente cantar o hino augusto e supremo da Vida Integral e Livre.

Então Eça seria igual a Ibsen e a Zola, superior a Tolstoi, maior ainda que esse epilético e grande e dispersivo gênio de Dostoiévski e a sua bela obra revolucionária do *Crime*, do *Basílio*, da *Relíquia* e dos *Maias* irradiando dum foco de concepção sintética, teria uma ação mais ampla e demolidora. O gênio de Eça, labareda sagrada, em vez de criar Almas, criaria Mundos.

Mas se o romancista não é um Profeta e um Precursor, o austero solitário de uma ideia, é para mim o maior artista da Europa e dos quatro primeiros escritores do seu tempo aquele que, no conflito eterno da Beleza, soube bater-se com maior galhardia e depois de ter percorrido as cinco partes do mundo da visão à olímpica Atenas regressou vencedor, como um Alexandre coroado de rosas brancas e de mirtos.

---

DOMINGOS GUIMARÃES

*Revista Moderna, 20 de novembro de 1897.*

*Pesquisa e adequação ortográfica: Iba Mendes (2019)*



# SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOIRA

## CAPÍTULO 1

Começou por me dizer que o seu caso era simples — e que se chamava Macário...

Devo contar que conheci este homem numa estalagem do Minho. Era alto e grosso: tinha uma calva larga, luzidia e lisa, com repas brancas que se lhe eriçavam em redor: e os seus olhos pretos, com a pele em roda engelhada e amarelada, e olheiras papudas, tinham uma singular clareza e retidão — por trás dos seus óculos redondos com aros de tartaruga. Tinha a barba rapada, o queixo saliente e resoluto. Trazia uma gravata de cetim negro apertada por trás com uma fivela; um casaco comprido cor de pinhão, com as mangas estreitas e justas e canhões de veludilho. E pela longa abertura do seu colete de seda, onde reluzia um grillhão antigo — saíam as pregas moles de uma camisa bordada.

Era isto em setembro; já as noites vinham mais cedo com uma friagem fina e seca e uma escuridão aparatosa. Eu tinha descido da diligência, fatigado, esfomeado, tiritando num cobrejão de listras escarlates.

Vinha de atravessar a serra e os seus aspectos pardos e desertos. Eram oito horas da noite. Os céus estavam pesados e sujos. E, ou fosse um certo adormecimento cerebral produzido pelo rolar monótono da diligência, ou fosse a debilidade nervosa da fadiga, ou a influência da paisagem escarpada e chata, sobre côncavo silêncio noturno, ou a opressão da eletricidade que enchia as alturas, o fato é que eu — que sou naturalmente positivo e realista — tinha vindo tiranizado pela imaginação e pelas quimeras. Existe no fundo de cada um de nós, é certo — tão friamente educados que sejamos — um resto de misticismo; e basta às vezes uma paisagem soturna, o velho muro de um cemitério, um ermo ascético, as emolientes brancuras de um luar — para que esse fundo místico suba, se

alargue como um nevoeiro, encha a alma, a sensação e a ideia, e fique assim o mais matemático, ou o mais crítico, tão triste, tão visionário, tão idealista — como um velho monge poeta. A mim, o que me lançara na quimera e no sonho fora o aspecto do Mosteiro de Restelo, que eu tinha visto, na claridade suave e outonal da tarde, na sua doce colina. Então, enquanto anoitecia, a diligência rolava continuamente ao trote esgaldado dos seus magros cavalos brancos, e o cocheiro, com o capuz do gabão enterrado na cabeça, ruminava no seu cachimbo — eu pus-me elegiacamente, ridiculamente, a considerar a esterilidade da vida: e desejava ser um monge, estar num convento, tranquilo, entre arvoredos, ou na murmurosa concavidade de um vale, e enquanto a água da cerca canta sonoramente nas bacias de pedra, ler a “Imitação”, e ouvindo os rouxinóis nos loureirais, ter saudades do Céu. — Não se pode ser mais estúpido. Mas eu estava assim, e atribuo a esta disposição visionária a falta de espírito — a sensação — que me fez a história daquele homem dos canhões de veludinho.

A minha curiosidade começou à ceia, quando eu desfazia o peito de uma galinha afogado em arroz branco, com fatias escarlates de paio — e a criada, uma gorda e cheia de sardas, fazia espumar o vinho verde no copo, fazendo-o cair de alto de uma caneca vidrada: o homem estava de frente de mim, comendo tranquilamente a sua geleia: perguntei-lhe, com a boca cheia, o meu guardanapo de linho de Guimarães suspenso nos dedos — se ele era de Vila Real.

— Vivo lá. Há muitos anos — disse-me ele.

— Terra de mulheres bonitas, segundo me consta — disse eu.

O homem calou-se.

— Hein? — tornei.

O homem contraiu-se num silêncio saliente. Até aí estivera alegre, rindo dilatadamente; loquaz e cheio de bonomia. Mas então imobilizou o seu sorriso fino.

Compreendi que tinha tocado a carne viva de uma lembrança. Havia decerto no destino daquele velho uma “mulher”. Aí estava o seu melodrama ou a sua farsa, porque inconscientemente estabeleci-me na ideia de que o “fato”, o “caso” daquele homem, deveria ser grotesco e exalar escárnio.

De sorte que lhe disse:

— A mim têm-me afirmado que as mulheres de Vila Real são as mais bonitas do Minho. Para olhos pretos Guimarães, para corpos Santo Aleixo, para tranças os Arcos: é lá que se veem os cabelos claros cor de trigo.

O homem estava calado, comendo, com os olhos baixos.

— Para cinturas finas Viana, para boas peles Amarante — e para isto tudo Vila Real. Eu tenho um amigo que veio casar a Vila Real. Talvez conheça. O Peixoto, um alto, de barba loira, bacharel.

— O Peixoto, sim — disse-me ele, olhando gravemente para mim.

— Veio casar a Vila Real como antigamente se ia casar à Andaluzia — questão de arranjar a fina-flor da perfeição.

— À sua saúde.

Eu evidentemente constrangia-o, porque se ergueu, foi à janela com um passo pesado, e eu reparei então nos seus grossos sapatos de casimira com sola forte e atilhos de couro. E saiu.

Quando eu pedi o meu castiçal, a criada trouxe-me um candeeiro de latão lustroso e antigo e disse;

— O senhor está com outro. E no nº 3.

Nas estalagens do Minho, às vezes, cada quarto é um dormitório impertinente.

— Vá — disse eu.

O nº 3 era no fundo do corredor. Às portas dos lados os passageiros tinham posto o seu calçado para engraxar: estavam umas grossas botas de montar, enlameadas, com esporas de correia; os sapatos brancos de um caçador, botas de proprietário, de altos canos vermelhos; as botas de um padre, altas, com a sua borla de retrós; os botins cambados de bezerro, de um estudante; e a uma das portas, o nº 15, havia umas botinas de mulher, de duraque, pequeninas e finas, e ao lado as pequeninas botas de uma criança, todas coçadas e batidas, e os seus canos de pelica-mor caíam-lhe para os lados com os atacadores desatados. Todos dormiam. Defronte do nº 3 estavam os sapatos de casimira com atilhos: e quando abri a porta vi o homem dos canhões de veludilho, que amarrava na cabeça um lenço de seda estava \*\*\* com uma jaqueta curta de ramagens, uma meia de lã, grossa e alta, e os pés metidos nuns chinelos de ourelo.

— O senhor não repare — disse ele.

— À vontade. — E para estabelecer intimidade tirei o casaco.

Não direi os motivos por que ele daí a pouco, já deitado, me disse a sua história. Há um provérbio eslavo da Galícia que diz: “O que não contas à tua mulher, o que não contas ao teu amigo, contá-lo a um estranho, na estalagem.” Mas ele teve raivas inesperadas e dominantes para a sua larga e sentida confiança. Foi a respeito do meu amigo, do Peixoto, que fora casar a Vila Real. Vi-o chorar, àquele velho de quase sessenta anos. Talvez a história seja julgada trivial: a mim, que nessa noite estava nervoso e sensível, pareceu-me terrível — mas conto-a apenas como um acidente singular da vida amorosa...

Começou pois por me dizer que o seu caso era simples e que se chamava Macário. Perguntei-lhe então se era de uma família que eu



conhecera, que tinha o apelido de “Macário”. E como ele me respondeu que era primo desses, eu tive logo do seu caráter uma ideia simpática, porque os Macários eram uma antiga família, quase uma dinastia de comerciantes, que mantinham com uma severidade religiosa a sua velha tradição de honra e de escrúpulo. Macário disse-me que nesse tempo, em 1823 ou 33; na sua mocidade, seu tio Francisco tinha, em Lisboa, um armazém de panos, e ele era um dos caixeiros. Depois o tio compenetrara-se de certos instintos inteligentes e do talento prático e aritmético de Macário, e deu-lhe a escrituração. Macário tornou-se o seu “guarda-livros”.

Disse-me ele que sendo naturalmente linfático e mesmo tímido, a sua vida tinha nesse tempo uma grande concentração. Um trabalho escrupuloso e fiel, algumas raras merendas no campo, um apuro saliente de fato e de roupas brancas, era todo o interesse da sua vida. A existência, nesse tempo, era caseira e apertada. Uma grande simplicidade social aclarava os costumes: os espíritos eram mais ingênuos, os sentimentos menos complicados.

Jantar alegremente numa horta, debaixo das parreiras, vendo correr a água das regas — chorar com os melodramas que rugiam entre os bastidores do Salitre, alumiados a cera, eram contentamentos que bastavam à burguesia cautelosa. Além disso, os tempos eram confusos e revolucionários: e nada torna o homem recolhido, conchegado à lareira, simples e facilmente feliz — como a guerra. E a paz que, dando os vagares da imaginação, causa as impaciências do desejo.

Macário, aos vinte e dois anos, ainda não tinha — como lhe dizia uma velha tia, que fora querida do desembargador Curvo Semedo, da Arcádia — “sentido Vênus”.

Mas por esse tempo veio morar para defronte do armazém dos Macários, para um terceiro andar, uma mulher de quarenta anos, vestida de luto, uma pele branca e baça, o busto bem feito e redondo e um aspecto desejável. Macário tinha a sua carteira no primeiro andar por cima do armazém, ao pé de uma varanda, e dali viu uma

manhã aquela mulher com o cabelo preto solto e anelado, um chambre branco e braços nus, chegar-se a uma pequena janela de peitoril, a sacudir um vestido. Macário afirmou-se, e, sem mais intenção, dizia mentalmente aquela mulher, aos vinte anos, devia ter sido uma pessoa cativante e cheia de domínio: por que os seus cabelos violentos e ásperos, o sobrolho espesso, o lábio forte, perfil aquilino e firme, revelam um temperamento ativo e imaginações apaixonadas. No entanto, continuou serenamente alinhando as suas cifras. Mas à noite estava sentado fumando à janela do seu quarto, que abria sobre o pátio: era em Julho e a atmosfera estava elétrica e amorosa: a rabeca de um vizinho gemia uma xácara mourisca, que então sensibilizava, e era de um melodrama; o quarto estava numa penumbra doce e cheia de mistério — e Macário, que estava em chinelas, começou a lembrar-se daqueles cabelos negros e fortes e daqueles braços que tinham a cor dos mármore pálidos: espreguiçou-se, rolou morbidamente a cabeça pelas costas da cadeira de vime, como os gatos sensíveis que se esfregam, e decidiu bocejando que a sua vida era monótona. E ao outro dia, ainda impressionado, sentou-se à sua carteira com a janela toda aberta, e olhando o prédio fronteiro, onde viviam aqueles cabelos grandes — começou a aparar vagarosamente a sua pena de rama. Mas ninguém se chegou à janela do peitoril, com caixilhos verdes. Macário estava enfasiado, pesado — e o trabalho foi lento. Pareceu-lhe que havia na rua um sol alegre, e que nos campos as sombras deviam ser mimosas e que se estaria bem vendo o palpitar das borboletas brancas nas madressilvas! E quando fechou a carteira sentiu defronte correr-se a vidraça; eram decerto os cabelos pretos. Mas apareceram uns cabelos louros. Oh! E Macário veio logo salientemente para a varanda aparar um lápis. Era uma rapariga de vinte anos, talvez — fina, fresca, loira como uma vinheta inglesa: a brancura da pele tinha alguma coisa de transparência das velhas porcelanas, e havia no seu perfil uma linha pura, como de uma medalha antiga e os velhos poetas pitorescos ter-lhe-iam chamado — pomba, arminho, neve e ouro.

Macário disse consigo:

— É filha.

A outra vestia de luto, mas esta, a loira tinha um vestido de casa com pintas azuis, um lenço de cambraia trespessado sobre o peito, as mangas pendidas com rendas, e tudo aquilo era asseado, moço, fresco, flexível e tenro.

Macário, nesse tempo, era louro, com barba curta. O cabelo era anelado e a sua figura devia ter aquele ar seco e nervoso que depois do século XVIII e da revolução foi tão vulgar nas raças plebeias.

A rapariga loira reparou naturalmente em Macário, mas naturalmente desceu a vidraça correndo por trás uma cortina de casa bordada. Estas pequenas cortinas datam de Goethe e elas têm na vida amorosa um interessante destino: revelam. Levantar-lhe uma ponta e espreitar, franzi-la suavemente, revela um fim; corrê-la, pregar nela uma flor, agitá-la fazendo sentir que por trás um rosto atento se move e espera — são velhas maneiras com que na realidade e na arte começa o romance. A cortina ergueu-se devagarinho e o rosto louro espreitou.

Macário não me contou por pulsações — a história minuciosa do seu coração. Disse singelamente que daí a cinco dias — “estava louco por ela”. O seu trabalho tornou-se logo vagaroso e infiel e o seu belo cursivo inglês, firme e largo, ganhou curvas, ganchos, rabiscos, onde estava todo o romance impaciente dos seus nervos. Não a podia ver pela manhã: o sol mordente de julho batia e escaldava a pequena janela de peitoril. Só pela tarde, a cortina se franzia, se corria a vidraça, e ela, estendendo uma almofadinha no rebordo do peitoril, vinha encostar-se mimosa e fresca com o seu leque. Leque que preocupou Macário: era uma ventarola chinesa, redonda, de seda branca com dragões escarlates bordados à pena, uma cercadura de plumagem azul, fina e trêmula como uma penugem, e o seu cabo de marfim, donde pendiam duas borlas de fio de ouro, tinha incrustações de nácar à linda maneira persa.

Era um leque magnífico e naquele tempo inesperado nas mãos de plebeias de uma rapariga vestida de cassa. Mas como ela era loira e a mãe tão meridional, Macário, com intuição interpretativa dos namorados, disse à sua curiosidade: “Será filha de um inglês”. O inglês vai à China, à Pérsia, a Ormuz, à Austrália e vem cheio daquelas joias dos luxos exóticos, e nem Macário sabia por que é que aquela ventarola de mandarina o preocupava assim: mas segundo ele me disse — “aquilo deu-lhe no gotto”.

Tinha-se passado uma semana, quando um dia Macário viu, da sua carteira, que ela, a loira, saía com a mãe, porque se acostumara a considerar mãe dela aquela magnífica pessoa, magnificamente pálida e vestida de luto.

Macário veio à janela e viu-as atravessar a rua e a entrarem no armazém! Desceu logo trêmulo, sôfrego, apaixonado e com palpitações. Estavam elas já encostadas ao balcão e um caixeiro desdobrava-lhes defronte casimiras pretas. Isto comoveu Macário. Ele mesmo mo disse.

— Porque enfim, meu caro, não era natural que elas viessem comprar, para si, casimiras pretas.

E não: elas não usavam “amazonas”, não queriam decerto estofar cadeiras com casimiras pretas, não havia homens em casa delas; portanto aquela vinda ao armazém era um meio delicado de o ver de perto, de lhe falar, e tinha o encanto penetrante de uma mentira sentimental. Eu disse a Macário que, sendo assim, ele deveria de estranhar aquele movimento amoroso, porque denotava na mãe uma cumplicidade equívoca. Ele confessou-se “que nem pensava em tal”. O que fez foi chegar ao balcão e dizer estupidamente:

— Sim, senhor, vão bem servidas, estas casimiras não encolhem.

E a loira ergueu para ele o seu olhar azul e foi como se Macário se sentisse envolvido na doçura de um céu.



Mas quando ele ia a dizer-lhe uma palavra reveladora e veemente, apareceu ao fundo do armazém o tio Francisco, com o seu comprido casaco de pinhão, de botões amarelos. Como era singular e desusado achar-se o senhor guarda-livros vendendo ao balcão e o tio Francisco, com a sua crítica estreita e celibatária, escandalizar-se, Macário começou a subir vagarosamente a escada de caracol que levava ao escritório, e ainda ouviu a voz delicada da loira dizer brandamente:

— Agora queria ver lenços da Índia.

E o caixeiro foi buscar um pequenino pacote daqueles lenços, acamados e apertados numa tira de papel dourado.

Macário, tinha visto naquela visita uma revelação de amor, quase uma “declaração”, esteve todo o dia entregue às impaciências amargas da paixão. Andava distraído abstrato, pueril, não deu atenção à escrituração, jantou calado, sem escutar o tio Francisco que exaltava as almôndegas, mal reparou no seu ordenado que lhe foi pago em pintos às três horas e não entendeu bem a recomendações do tio e a preocupação dos caixeiros sobre o desaparecimento de um pacote de lenços da Índia.

— É o costume de deixar entrar pobres no armazém — tinha dito no seu laconismo majestoso o tio Francisco. — São doze mil réis de lenços. Lance à minha conta.

Macário, no entanto, ruminava secretamente uma carta, mas sucedeu que ao outro dia, estando ele à varanda, a mãe, a de cabelos pretos, veio encostar-se ao peitoril da janela, e neste momento passava na rua um amigo de Macário, que, vendo aquela senhora, afirmou-se e tirou-lhe, como uma cortesia toda risonha, o seu chapéu de palha. Macário ficou radioso: logo nessa noite procurou o seu amigo, e abruptamente, sem meia-tinta:

— Quem é aquela mulher que tu hoje cumprimentaste defronte do armazém?

- É a Vilaça. Bela mulher.
- É a filha?
- A filha?
- Sim, uma loira, clara, com um leque chinês.
- Ah! sim. É filha.
- É o que eu dizia...
- Sim e então?
- É bonita.
- É bonita.
- É gente de bem, hem?
- Sim gente de bem.
- Está bom! Tu conhecê-las muito?
- Conheço-as. Muito não. Encontrava-as dantes em casa de D. Cláudia.
- Bem, ouve lá.

E Macário, contando a história do seu coração acordado e exigente e falando do amor com as exaltações de então, pediu-lhe como a glória da sua vida “que achasse um meio de o encaixar lá”. Não era difícil. As Vilaças costumavam ir aos sábados a casa de um tabelião muito rico na Rua dos Calafates: eram assembleias simples e pacatas, onde se cantavam motetes ao cravo, se glosavam motes e havia jogos de prendas do tempo da senhora D. Maria I, e às nove

horas a criada servia a orchata. Bem. Logo no primeiro sábado Macário, de casaca azul, calças de ganga com presilhas de trama de metal, gravata de cetim roxo, curvava-se diante da esposa do tabelião, Sra. D. Maria da Graça, pessoa seca e aguçada, com um vestido bordado a matiz, um nariz adunco e uma enorme luneta de tartaruga, a pluma de marabout nos seus cabelos grisalhos. A um canto da sala já lá estava, entre um frufu de vestidos enormes, a menina Vilaça, a loira, vestida de branco, simples, fresca, com o seu ar de gravura colorida. A mãe Vilaça, a soberba mulher pálida, cochichava com um desembargador de figura apoplética. O tabelião era homem letrado, latinista, e amigo das musas; escrevia num jornal de então, a “Alcofa das Damas”: porque era sobretudo galante, e ele mesmo se intitulava, numa ode pitoresca, “moço escudeiro de Vênus”. Assim, as suas reuniões eram ocupadas pelas belas-artes — e, numa noite, um poeta do tempo devia vir ler um poemeto intitulado “Elmira ou a Vingança do Venesiano!...” Começavam então a aparecer as primeiras audácias românticas... As revoluções da Grécia principiavam a atrair os espíritos romanescos e saídos da mitologia para os países maravilhosos do oriente. Por toda a parte se falava no paxá de Janina. E a poesia apossava-se vorazmente deste mundo novo e virginal de minaretes, serralhos, sultanas cor de âmbar, piratas do Arquipélago, e salas rendilhadas, cheias do perfume do aloés onde paxás decrepitos acariciam leões. De sorte que a curiosidade era grande — e quando o poeta apareceu com os cabelos compridos, o nariz adunco e fatal, o pescoço entalado na alta gola do seu fraque à Restauração e um canudo de lata na mão — o Sr. Macário é que não teve sensação alguma, porque lá estava todo absorvido, falando com a menina Vilaça. E dizia-lhe meigamente:

— Então, noutro dia, gostou das casimiras?

— Muito — disse ela baixo.

E, desde esse momento, envolveu-os um destino nupcial.

No entanto, na larga sala, a noite passava-se espiritualmente. Macário não pôde dar todos os pormenores históricos e característicos daquela assembleia. Lembrava-se apenas que um corregedor de Leiria recitava o “Madrigal a Lídia”: lia-o de pé, com uma luneta redonda aplicada sobre o papel, a perna direita lançada para diante, a mão na abertura do colete branco de gola alta, e em redor, formando círculo, as damas, com vestidos de ramagens, cobertas de plumas, as mangas estreitas, terminadas num fofo de rendas, mitenes de retrós cheias da cintilação dos anéis, tinham sorrisos ternos, cochichos, doces murmurações, risinhos, e um brando palpitar de leques recamados de lantejoulas. “Muito bonito”, diziam, “muito bonito!” E o corregedor, desviando a luneta, cumprimentava sorrindo — e via-se-lhe um dente podre. Depois, a preciosa D. Jerônima da Piedade e Sande, sentando-se com maneiras comovidas ao cravo, cantou a sua voz roufenha a antiga ária de Sully:

Oh Ricardo, oh meu rei. O mundo te abandona.

O que obrigou o terrível Gaudêncio, democrata de 20 e admirador de Robespierre, a rosnar rancorosamente junto de Macário:

— Reis-víboras!...

Depois o cônego Saavedra cantou uma modinha de Pernambuco muito usada no tempo do senhor D. João VI: “Lindas moças, lindas moças.” E a noite ia assim correndo, literária, pachorrenta erudita, requintada e toda cheia de musas. Oito dias depois, Macário era recebido em casa da Vilaça, num domingo. A mãe convidara-o dizendo-lhe:

— Espero que o vizinho honre esta choupana.

E até o desembargador apoplético, que estava ao lado, exclamou:

— Choupana! Diga alcáçar! Formosa dama!



Estavam, nesta noite, o amigo do chapéu de palha, um velho cavaleiro de Malta, trôpego, estúpido e surdo, um beneficiado da Sé, ilustre pela sua voz tiple, e as manas Hilárias, a mais velha das quais, tendo assistido, como aia de uma senhora da Casa da Mina, à tourada de Salva — terra, em que morreu o conde dos Arcos, nunca deixara de narrar os episódios pitorescos daquela tarde: a figura do conde dos Arcos de cara rapada e uma fita de cetim escarlata no rabicho; o soneto que um magro poeta, parasita da Casa de Vimioso, recitou quando o conde entrou, fazendo ladear o seu cavalo negro, arreado à espanhola, com um xairel onde as suas armas estavam lavradas em prata; o tombo que nesse momento um frade de São Francisco deu na trincheira alta, e a hilariedade da corte, que até a senhora condessa de Povolide apertava as mãos nas ilhargas; depois el-rei, o senhor D. José I, vestido de veludo escarlata, recamado de ouro, todo encostado ao rebordo do seu palanque, fazendo girar entre os dedos a sua caixa de rapé cravejada, e atrás, imóveis, o físico Lourenço e o frade seu confessor; depois o rico aspecto da praça cheia de gente de Salvaterra, maiorais, mendigos dos arredores, frades, lacaios, e o grito que houve quando D. José I entrou: — Viva el-rei, nosso senhor! — E o povo ajoelhou, e el-rei tinha-se sentado, comendo doces, que um criado trouxe num saco de veludo atrás dele. Depois a morte do conde dos Arcos, os desmaios, e até el-rei todo debruçado, batendo com a mão no parapeito, gritava na confusão, e o capelão da Casa dos Arcos que tinha corrido a buscar a extrema-unção. Ela, Hilária ficara atarracada de pavor: sentia os urros dos bois, os gritos agudos das mulheres, os ganidos dos flatos, e vira então um velho, todo vestido de veludo preto, com a fina espada na mão... debater-se entre fidalgos e damas que o seguravam, e querer atirar-se à praça, bradando cheio de raiva! “É o pai do conde.” Ela então desmaia nos braços de um padre da Congregação. Quando veio a si, achou-se junto da praça; a berlinda real está à porta com os boleiros emplumados, os machos cheios de guizos, e os batedores com pampilhos: el-rei já estava dentro, escondido no fundo, pálido, sorvendo febrilmente rapé, todo encolhido com o confessor; e defronte, com uma das mãos apoiadas à alta bengala, forte, espadaúdo, com o aspecto carregado o Marquês de Pombal falando

devagar e intimativamente, e gesticulando com a luneta: mas os batedores picaram, os estalos dos postilhões retiniram, e a berlinda partiu a galope, enquanto o povo gritava: — Viva el-rei, nosso senhor! — e o sino da porta da capela do paço tocava a finados! Era uma honra que el-rei concedia à Casa dos Arcos.

Quando D. Hilária acabou de contar, suspirando, estas desgraças passadas, começou-se a jogar. Era singular que Macário não se lembrava o que tinha jogado nessa noite radiosa. Só se recordava que ele tinha ficado ao lado da menina Vilaça, que se chamava Luísa, que reparara muito na sua fina pele rosada, tocada de luz, e na meiga e amorosa pequenez da sua mão, com uma unha mais polida que o marfim de Diepa. E lembrava-se também de um acidente excêntrico, que determinara nele, desde esse dia, uma grande hostilidade ao clero da Sé. Macário estava sentado à mesa, e ao pé dele Luísa: Luísa estava toda voltada para ele, com uma das mãos apoiando a sua fina cabeça loira e amorosa, e a outra esquecida no regaço. Defronte estava o beneficiado, com o seu barrete preto, os seus óculos na ponta aguda do nariz, o tom azulado da forte barba rapada, e as suas duas grandes orelhas, complicadas e cheias de cabelo, separadas do crânio como dois postigos abertos. Ora como era necessário no fim do jogo pagar uns tentos ao cavaleiro de Malta, que estava ao lado do beneficiado, Macário tirou da algibeira uma peça, e quando o cavaleiro, todo curvado e com um olho pisco, fazia a soma dos tentos nas costas de um ás, Macário conversava com Luísa, e fazia girar sobre o pano verde a sua peça de ouro, com um bilro ou um pião. Era uma peça nova que luzia, faiscava, rodando e fazia à vista como uma bola de névoa dourada. Luísa sorria vendo-a girar, girar, e parecia a Macário que todo o céu, a pureza, a bondade das flores e a castidade das estrelas estavam naquele claro sorriso distraído, espiritual, arcangélico, com que ela, gira, gira, seguia o giro da peça de ouro nova. Mas, de repente, a peça, correndo até à borda da mesa, caiu para o lado do regaço de Luísa, e desapareceu, sem se ouvir no soalho de tábuas o seu ruído metálico. O beneficiado abaixou-se logo cortesmente: Macário afastou a cadeira, olhando para debaixo da mesa: a mãe Vilaça alumiou com um castiçal, e Luísa ergueu-se e

sacudiu com pequenina pancada o seu vestido de casa. A peça não apareceu.

— É célebre — disse o amigo de chapéu de palha. — Eu não ouvi tinir no chão.

— Nem eu, nem eu — disseram.

O beneficiado, curvado como um F, buscava tenazmente, e Hilária mais nova rosnava o responso de Santo Antônio.

— Pois a casa não tem buracos — dizia a mãe Vilaça.

No entanto Macário exalava-se em exclamações desinteressadas:

— Pelo amor de Deus! Ora que tem! amanhã aparecerá! Tenham a bondade! Por quem são! Então Sra. D. Luísa! pelo amor de Deus! Não vale nada.

Mas mentalmente estabeleceu que houvera uma subtração — e atribui-a ao beneficiado. A peça rolara, decerto, até junto dele, sem ruído, ele pusera-lhe em cima o seu vasto sapato eclesiástico e tachado, depois, no movimento brusco e curto que tivera, empolgara-a vilmente. E quando saíram, o beneficiado, todo embrulhado no seu vasto capote de camelão, dizia a Macário pela escada:

— Ora o sumiço da peça, hem? Que brincadeira!

— Acha, senhor beneficiado? — disse Macário parando, absorto de impudência.

— Ora essa! Se acho! Se lhe parece! Uma peça de sete mil réis! Só se o Senhor as semeia! Safa! eu dava em doido!

Macário teve tédio daquela astúcia fria. Não lhe respondeu. O beneficiado é que acrescentou:

— Amanhã mande lá pela manhã, homem. Que diabo... Deus me perdoe! Que diabo! Uma peça não se perde assim. Que bolada, hem!

E Macário tinha vontade de lhe bater.

Foi neste ponto que Macário me disse, com a voz singularmente sentida:

— Enfim, meu amigo, para encurtarmos razões resolvi-me casar com ela.

— Mas a peça?

— Não pensei mais nisso! Pensava eu lá na peça! resolvi-me casar com ela!



## CAPÍTULO 2

Macário contou-me o que o determinara mais precisamente àquela resolução profunda e perpétua. Foi um beijo. Mas esse caso, casto e simples, eu colo-o — mesmo porque a única testemunha foi uma imagem em gravura da Virgem, que estava pendurada no seu caixilho de pau-preto, na saleta escura que abria para a escada... Um beijo fugitivo, superficial, efêmero. Mas isso bastou ao espírito reto e severo para o obrigar a tomá-la como esposa, a dar-lhe uma fé imutável e a posse da sua vida. Tais foram os seus esponsais. Aquela simpática sombra de janelas vizinhas tornara-se para ele um destino, o fim moral da sua vida e toda a ideia dominante do seu trabalho. E esta história toma, desde logo, um alto caráter de santidade e de tristeza.



Macário falou-me muito do caráter e da figura do tio Francisco; a sua possante estatura, os seus óculos de ouro, a sua barba grisalha, em colar, por baixo do queixo, um tique nervoso que tinha numa asa do nariz, a dureza da sua voz, a sua austera e majestosa tranquilidade, os seus princípios antigos, autoritários e tirânicos e a brevidade telegráfica das suas palavras. Quando Macário lhe disse, uma manhã, ao almoço, abruptamente, sem transições emolientes: “Peço-lhe licença para casar”, o tio Francisco, que deitava o açúcar no seu café, ficou calado, remexendo com a colher, devagar, majestoso e terrível: e quando acabou de solver pelo pires, com grande ruído, tirou do pescoço o guardanapo, dobrou-o, aguçou com a faca o seu palito, meteu-o na boca e saiu: mas à porta da sala parou, e voltando-se para Macário, que estava de pé, junto da mesa, disse secamente:

Não.

— Perdão, tio Francisco!

— Não.

— Mas ouça, tio Francisco...

— Não.

Macário sentiu uma grande cólera.

— Nesse caso, faço-o sem licença.

— Despedido de casa.

— Sairei. Não haja dúvida.

— Hoje.

— Hoje.

E o tio Francisco ia a fechar a porta, mas voltando-se:

— Olá! — disse ela a Macário, que estava exasperado, apoplético, raspando nos vidros da janela.

Macário voltou-se com uma esperança.

— Dê-me daí a caixa do rapé — disse o tio Francisco.

Tinha-lhe esquecido a caixa! Portanto estava perturbado.

— Tio Francisco... — começou Macário.

— Basta. Estamos a doze. Receberá o seu mês por inteiro. Vá.

As antigas educações produziam estas situações insensatas. Era brutal e idiota. Macário afirmou-me que era assim.

Nessa tarde Macário achava-se no quarto de uma hospedaria da Praça da Figueira com seis peças, o seu baú de roupa branca e a sua paixão. No entanto estava tranquilo. Sentia o seu destino cheio de apuros. Tinha relações e amizades no comércio. Era conhecido vantajosamente: a nitidez do seu trabalho, a sua honra tradicional, o nome da família, o seu tato comercial, o seu belo cursivo inglês, abriam-lhe, de par em par, respeitosamente, todas as portas dos escritórios. No outro dia foi procurar alegremente o negociante Faleiro, antiga relação comercial da sua casa.

— De muito boa vontade, meu amigo — disse-me ele. — Quem mo dera cá. Mas, se o recebo, fico de mal com o seu tio, meu velho amigo de vinte anos. Ele declarou-mo categoricamente. Bem vê. Força maior. Eu sinto, mas...

E todos a quem Macário se dirigiu, confiado em relações sólidas, receavam “ficar de mal com seu tio, meu velho amigo de vinte anos”.

E todos “sentiam, mas...”

Macário dirigiu-se então a negociantes novos, estranhos à sua casa e à sua família, e sobretudo aos estrangeiros: esperava encontrar gente livre da amizade de vinte anos do tio. Mas, para esses, Macário era desconhecido, e desconhecidos por igual a sua dignidade e o hábil trabalho. Se tomavam informações, sabiam que ele fora despedido de casa do tio repentinamente, por causa de uma rapariga loira, vestida de cassa. Esta circunstância tirava as simpatias a Macário. O comércio evita o guarda livros sentimental. De sorte que Macário começou a sentir-se num momento agudo. Procurando, pedindo, rebuscando, o tempo passava, sorvendo, pinto a pinto, as suas seis peças.

Macário mudou para uma estalagem barata, e continuou farejando. Mas, como fora sempre de temperamento recolhido, não criara amigos. De modo que se encontrava desamparado e solitário — e a vida aparecia-lhe como um descampo.

As peças findaram. Macário entrou, pouco, na tradição antiga da miséria. Ela tem solenidades fatais e estabelecidas: começou por empenhar. Depois vendeu. Relógio, anéis, casaca azul, cadeia, paletó de alamares, tudo foi levando pouco a pouco, embrulhado debaixo do xale, uma velha seca e cheia de asma.

No entanto via Luísa de noite, na saleta escura que dava para o patamar: uma lamparina ardia em cima da mesa; era feliz ali naquela penumbra, toda sentado castamente: não a via de dia porque trazia já a roupa usada, as botas cambadas e não queria mostrar à fresca Luísa, toda mimosa nas suas cambraias assentadas, a sua miséria remendada: ali, àquela luz tênue e esbatida, ele exaltava a sua paixão crescente e escondia o seu fato decadente. Segundo me disse Macário — era muito singular o temperamento de Luísa. Tinha o caráter louro como o cabelo — se é certo que o louro é uma cor fraca e desbotada: falava pouco, sorria sempre com os seus brancos dentinhos, dizia a tudo “pois sim”; era mais simples, quase indiferente, cheia de transigências.

Amava decerto Macário, mas com todo o amor que podia dar a sua natureza débil, aguada, nula. Era como uma estriga de linho, fiava-se como se queria: e às vezes, naqueles encontros noturnos, tinha sono.

Um dia, porém, Macário encontrou-a excitada: estava com pressa, o xale traçado à toa, olhando sempre para a porta interior.

— A mamã percebeu — disse ela.

E contou-lhe que a mãe desconfiava, ainda rabugenta e áspera, e que decerto farejava aquele plano nupcial tramado como uma conjuração.

— Por que não me vens pedir à mamã?

— Mas, filha, se eu não posso! Não tenho arranjo nenhum. Espera. É mais um mês talvez. Tenho agora aí um negócio em bom caminho. Morríamos de fome.

Luísa calou-se, torcendo a ponta do xale, com os olhos baixos.

— Mas ao menos — disse ela — enquanto eu te não fizer sinal da janela, não subas mais, sim?

Macário rompeu a chorar, os soluços saíam violentos e desesperados.

— *Chut!* — dizia-lhe Luísa. — Não chores alto!...

Macário contou-me a noite que passou, ao acaso pelas ruas, ruminando febrilmente a sua dor, e lutando, sob a nudenta friagem de janeiro, na sua quinzena curta. Não dormiu, e logo pela manhã, ao outro dia, entrou como uma rajada no quarto do tio Francisco e disse-lhe abruptamente, secamente:

— É tudo o que tenho. — E mostrava-lhe três pintos. — Roupa, estou sem ela. Vendi tudo. Daqui a pouco tenho fome.

O tio Francisco, que fazia a barba à janela, com o lenço da Índia amarrado na cabeça, voltou-se e, pondo os óculos, fitou-o.

— A sua carteira lá está. Fique — e acrescentou com um gesto decisivo — solteiro.

— Tio Francisco, ouça-me!...

— Solteiro, disse eu — continuou o tio Francisco, dando o fio à navalha numa tira de sola.

— Não posso.

— Então, rua!

Macário saiu, estonteado. Chegou a casa, deitou-se, chorou e adormeceu. Quando saiu, à noitinha, não tinha resolução, nem ideia. Estava como uma esponja. Deixava-se ir.

De repente uma voz disse de dentro de uma loja:

— Eh! pst! olá!

Era o amigo do chapéu de palha: abriu grandes braços pasmados.

— Que diacho! Desde manhã que te procuro.

E contou-lhe que tinha chegado da província, tinha sabido a sua crise e trazia-lhe um desenlace.

— Queres?

— Tudo.

Uma casa comercial queria um homem hábil, resoluto, e duro, para ir numa comissão difícil e de grande ganho a Cabo Verde.

— Pronto! — Disse Macário. — Pronto! Amanhã.

E foi logo escrever a Luísa, pedindo-lhe uma despedida, um último encontro, aquele em que os braços desolados e veementes tanto custam a desenlaçar-se. Foi. Encontrou-a toda embrulhada no seu xale, tiritando de frio. Macário chorou. Ela, com a sua passiva e loira doçura, disse-lhe:

— Fazes bem. Talvez ganhes.

E ao outro dia Macário partiu.

Conheceu as viagens trabalhosas nos mares inimigos, o enjojo monótono num beliche abafado, os duros sóis das colônias, a brutalidade tirânica dos fazendeiros ricos, o peso dos fardos humilhantes, as dilacerações da ausência, as viagens ao interior das terras negras e melancolia das caravanas que o costeiam por violentas noites, durante dias e dias, os rios tranquilos, donde exala a morte.

Voltou.

E logo nessa tarde a viu a ela, Luísa, clara, fresca, repousada, serena, encostada ao peitoril da janela, com a sua ventarola chinesa. E, ao outro dia, sofregamente, foi pedi-la à mãe. Macário tinha feito um ganho saliente — e a mãe Vilaça abriu-lhe uns grandes braços amigos, cheia de exclamações. O casamento decidiu-se para daí a um ano.

— Por quê? — disse eu a Macário.

E ele explicou-me que os lucros de Cabo Verde não podiam constituir um capital definitivo: eram apenas um capital de habilitação: trazia de Cabo Verde elementos de poderosos negócios:

trabalharia, heroicamente, e ao fim poderia, sossegadamente, criar uma família.

E trabalhou: pôs naquele trabalho a força criadora da sua paixão. Erguia-se de madrugada, comia à pressa, mal falava. À tardinha ia visitar Luísa. Depois voltava sofregamente para a fadiga, como um avaro para o seu cofre. Estava grosso, forte, duro, fero: servia-se com o mesmo ímpeto das ideias e dos músculos; vivia numa tempestade de cifras. Às vezes Luísa de passagem, entrava no seu armazém: aquele pousar de ave fugitiva dava-lhe alegria, valor, fé, reconforto para todo o mês cheiamente trabalhado.

Por esse tempo o amigo do chapéu de palha veio pedir a Macário que fosse seu fiador por uma grande quantia, que ele pedira para estabelecer uma loja de ferragens em grande. Macário, estava no vigor do seu crédito, cedeu com alegria. O amigo do chapéu de palha é que lhe dera o negócio providencial de Cabo Verde. Faltavam então seis meses para o casamento. Macário já sentia, por vezes, subirem-lhe ao rosto as febris vermelhidões da esperança. Já começava a tratar dos banhos mas um dia o amigo do chapéu de palha desapareceu com a mulher de um alferes. O seu estabelecimento estava em começo. Era uma confusa aventura não se pôde nunca precisar nitidamente aquele imbróglio doloroso. O que era positivo é que Macário era fiador, Macário devia reembolsar. Quando o soube, empalideceu e disse simplesmente:

— Líquido e pago.

E quando liquidou, ficou outra vez pobre. Mas nesse mesmo dia, como o desastre tivera uma grande publicidade, e a sua honra estava santificada na opinião, a casa Peres & Cia., que o mandara a Cabo Verde, veio propor-lhe uma outra viagem outros ganhos.

— Faz outra vez fortuna, homem. O senhor é o Diabo! — disse o Sr. Eleutério Peres.

Quando se viu assim, só e pobre, Macário desatou a chorar. Tudo estava perdido, findo, extinto; era necessário recomeçar, pacientemente a vida, voltar às longas misérias de Cabo verde, tornar a tremer a tremer os passados desesperos, suar os antigos suores! E Luísa?

Macário escreveu-lhe, depois rasgou a carta. Foi a casa dela: as janelas tinham luz; subiu até ao primeiro andar, mas aí tomou-o uma mágoa, uma covardia de revelar o desastre, trêmulo de uma separação, o terror de ela se recusar, negar-se, hesitar! E queria ela esperar mais?!

Não se atreveu a falar, explicar, pedir; desceu, pé ante pé. Era noite. Andou ao acaso pelas ruas: havia um sereno e silencioso luar. Ia sem saber: de repente ouviu, de uma janela alumiada, uma rabeca que tocava a xácara mourisca. Lembrou-se do tempo em que conhecera Luísa, do bom sol claro que havia então, e do vestido dela, de cassa com pintas azuis! Estava na rua onde eram os armazéns do tio. Foi caminhando. Pôs-se a olhar para a sua antiga casa. A janela do escritório estava fechada. Quantas vezes dali vira Luísa, e o brando movimento do seu leque chinês! Mas uma janela, no segundo andar, tinha luz: era o quarto do tio. Macário vai observar mais de longe: uma figura estava encostada, por dentro, à vidraça: era o tio Francisco veio-lhe uma saudade de todo o seu passado simples, retirado, plácido. Lembrava-lhe o seu quarto, e a velha carteira com fecho de prata, e a miniatura de sua mãe, que estava por cima da barra do leito; a sala de jantar e o seu velho aparador de pau-preto, e a grande caneca de água, cuja asa era uma serpente irritada. Decidiu-se e, impelido por um instinto, bateu à porta. Bateu outra vez. Sentiu abrir a vidraça, e a voz do tio perguntar:

— Quem é?

— Sou eu, tio Francisco, sou eu. Venho dizer-lhe adeus.



A vidraça fechou-se, e daí a pouco a porta abriu-se com um grande ruído de ferrolhos. O tio Francisco tinha um candeeiro de azeite na mão. Macário achou-o magro, mais velho. Beijou-lhe a mão.

— Suba — disse o tio.

Macário ia calado, cosido com o corrimão.

Quando chegou ao quarto, o tio Francisco pousou o candeeiro sobre uma larga mesa de pau-santo, e de pé, com as mãos nos bolsos, esperou.

Macário estava calado, anediando a barba.

— Que quer? — gritou-lhe o tio.

— Vinha dizer-lhe adeus; volto para Cabo Verde.

— Boa viagem.

E o tio Francisco, voltando-se as costas, foi rufar na vidraça.

Macário ficou imóvel, deu dois passos no quarto, todo revoltado, e ia sair.

— Onde vai, seu estúpido? — gritou-lhe o tio.

— Vou-me.

— Sente-se ali! E o tio Francisco falava, com grandes passadas pelo quarto:

— O seu amigo é um canalha! Loja de ferragens! Não está má! O senhor é um homem de bem. Estúpido, mas homem de bem. Sente-se ali! Sente-se! O seu amigo é um canalha! O senhor é um homem de bem! Foi a Cabo Verde! Bem sei! Pagou tudo. Está claro! Também sei! Amanhã faz favor de ir para a sua carteira, lá para baixo.

Mandei pôr palhinha nova na cadeira. Faz favor de pôr na fatura Macário & Sobrinho. E case. Case, e que lhe preste! Levante dinheiro. O senhor precisa de roupa branca e de mobília. E meta na minha conta. A sua cama lá está feita.

Macário queria abraçá-lo, estonteado, com lágrimas nos olhos, radioso.

— Bem, bem. Adeus!

Macário ia sair.

— Oh! burro, pois quer-se ir desta sua casa?

E indo a um pequeno armário trouxe geleia, um covilhete de doce, uma garrafa antiga de Porto e biscoitos.

— Coma.

E sentando-se ao pé dele, e tornando a chamar-lhe estúpido, tinha uma lágrima a correr-lhe pelo engelhado da pele.

De sorte que o casamento foi decidido para dali a um mês. E Luísa começou a tratar do seu enxoval.

Macário estava então na plenitude do amor e da alegria.

Via o fim da sua vida preenchido, completo, radioso. Estava quase sempre em casa da noiva, e um dia andava-a acompanhando, em compras, pelas lojas. Ele mesmo lhe quisera fazer um pequeno presente, nesse dia. A mãe tinha ficado numa modista, num primeiro andar da Rua do Ouro, e eles tinham descido, alegremente, rindo, a um ourives que havia em baixo, no mesmo prédio, na loja.

O dia estava de Inverno, claro, fino, frio, com um grande céu azul-ferrete, profundo, luminoso, consolado.

— Que bonito dia! — disse Macário.

E com a noiva pelo braço, caminhou um pouco, ao comprido do passeio.

— Está! — disse ela. — Mas podem reparar; nós sós...

— Deixa, está tão bom...

— Não, não.

E Luísa arrastou-o brandamente para a loja do ourives. Estava apenas um caixeiro, trigueiro, de cabelo hirsuto.

Macário disse-lhe:

— Queria ver anéis.

— Com pedras — disse Luísa — e o mais bonito.

— Sim, com pedras — disse Macário. — Ametista, granada. Enfim, o melhor. E, no entanto, Luísa ia examinando as montras forradas de veludo azul, onde reluziam as grossas pulseiras cravejadas, os grilhões, os colares de camafeus, os anéis de armas, as finas alianças frágeis como o amor, e toda a cintilação de pesada ourivesaria.

— Vê, Luísa — disse Macário.

O caixeiro tinha estendido, na outra extremidade do balcão, em cima do vidro da montra, um reluzente espalhado de anéis de ouro, de pedras, lavrados, esmaltados; e Luísa, tomando-os e deixando-os com a ponta dos dedos, ia-os correndo e dizendo:

— É feio. É pesado. É largo.

— Vê este — disse-lhe Macário.

Era um anel de pequenas pérolas.

— É bonito — disse ela. — É lindo!

— Deixa ver se serve — disse Macário.

E tomando-lhe a mão, meteu-lhe o anel devagarinho, docemente, no dedo; e ela ria, com os seus brancos dentinhos finos, todos esmaltados.

— É muito largo — disse Macário. — Que pena!

— Aperta-se, querendo. Deixe a medida. Tem-no pronto amanhã.

— Boa ideia — disse Macário — sim senhor. Porque é muito bonito. Não é verdade? As pérolas muito iguais, muito claras. Muito bonito! E esses brincos? — acrescentou, indo ao fundo do balcão, a outra montra. — Estes brincos com uma concha?

— Dez moedas — disse o caixeiro.

E, no entanto, Luísa continuava examinando os anéis, experimentando-os em todos os dedos, revolvendo aquela delicada montra, cintilante e preciosa.

Mas, de repente, o caixeiro fez-se muito pálido, e afirmou-se em Luísa, passando vagorosamente a mão pela cara.

— Bem — disse Macário, aproximando-se — então amanhã temos o anel pronto. A que horas?

O caixeiro não respondeu e começou a olhar fixamente para Macário.

— A que horas?

— Ao meio-dia.

— Bem, adeus — disse Macário. E iam sair. Luísa trazia um vestido de lã azul, que arrastava um pouco, dando uma ondulação melodiosa ao seu passo, e as suas mãos pequenas estavam escondidas num regalo branco.

— Perdão! — disse de repente o caixeiro.

Macário voltou-se.

— O senhor não pagou.

Macário olha para ele gravemente.

— Está claro que não. Amanhã venho buscar o anel, paga amanhã.

— Perdão! — disse o caixeiro. — Mas o outro...

— Qual outro? — disse Macário com uma voz surpreendida, adiantando-se para o balcão.

— Essa senhora sabe — disse o caixeiro. — Essa senhora sabe.

Macário tirou a carteira lentamente.

— Perdão, se há uma conta antiga...

O caixeiro abriu o balcão, e com aspecto resolutivo:

— Nada, meu caro Senhor, é de agora. É um anel com dois brilhantes que aquela senhora leva.

— Eu?! — disse Luísa, com a voz baixa, toda escarlate.

— Que é? Que está a dizer?

E Macário, pálido, com dentes cerrados, contraído, fitava o caixeiro colericamente. O caixeiro disse então:

— Essa senhora tirou dali o anel. — Macário ficou imóvel, encarando-o. — Um anel com dois brilhantes. Vi perfeitamente. — O caixeiro estava tão excitado, que a sua voz gaguejava, prendia-se espessamente. — Essa senhora não sei quem é. E tirou-o dali...

Macário, maquinalmente, agarrou-lhe o braço, e voltando-se para Luísa com a palavra abafada, gotas de suor na testa, lívido:

— Luísa, dize... — Mas a voz cortou-se-lhe.

— Eu... — disse ela. Mas estava trêmula, assombrada, enfiada, descomposta. E tinha deixado cair o regalo ao chão.

Macário veio para ela, agarrou-lhe o pulso fintando-a: e o seu aspecto era tão resoluto e tão imperioso que ela meteu a mão no bolso, bruscamente, apavorada, e mostrando o anel:

— Não me faça mal — disse, encolhendo-se toda.

Macário ficou com os braços caídos, o ar abstrato, os beiços brancos; mas de repente, dando um puxão ao casaco, recuperando-se, disse ao caixeiro:

— Tem razão. Era distração. Está claro! Esta senhora tinha-se esquecido. É o anel. Sim, sim, senhor, evidentemente... Tenha a bondade. Toma, filha, toma. Deixa estar, este senhor embrulha-o. Quanto custa?

Abriu a carteira e pagou.

Depois apanhou o regalo, sacudiu-o brandamente, limpou os beiços com o lenço, deu o braço a Luísa e dizendo ao caixeiro: “desculpe, desculpe”, levou-a, inerte, passiva, extinta e aterrada.

Deram alguns passos na rua. Um largo sol aclarava o gênio feliz: as seges, passavam, rolando ao estalido do chicote; figuras risonhas passavam, conversando; os pregões ganiam os seus gritos alegres; um cavalheiro de calção de anta fazia ladear o seu cavalo, enfeitado de rosetas; e a rua estava cheia, ruidosa, viva, feliz e coberta de sol.

Macário ia maquinalmente, como no fundo de um sonho. Parou a uma esquina. Tinha o braço de Luísa passado no seu; e via-lhe a mão pendente, a sua mão de cera, com as veias docemente azuladas, os dedos finos e amorosos: era a mão direita, e aquela mão era a da sua noiva! E, instintivamente, leu o cartaz que anunciava para essa noite “Palafoz em Saragoça”.

De repente, soltando o braço de Luísa, disse-lhe baixinho:

— Vai-te.

— Ouve!... — disse ela, com a cabeça toda inclinada.

— Vai-te. — E com voz abafada e terrível: — Vai-te. Olha que chamo. Mando-te para o Aljube. Vai-te.

— Mas houve, Jesus — disse ela.

— Vai-te! — E fez um gesto, com o punho cerrado.

— Pelo amor de Deus, não me batas aqui — disse ela, sufocada.

— Vai-te, podem reparar. Não chores. Olha que veem. Vai-te.

E, chegando-se para ela, disse baixo:

— És uma ladra!

E, voltando-lhe as costas, afastou-se, devagar, riscando o chão com a bengala.

À distância, voltou-se: ainda viu, através dos vultos, o seu vestido azul.

Como partiu nessa tarde para a província, não soube mais daquela rapariga loira.



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**